



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

HIAGO JOSÉ PEREIRA LOBATO FÉ

Cultura política e representações discursivas: os usos da imagem política e social do ex-presidente da república Luiz Inácio Lula Da Silva pelos periódicos (1989-2010)

PICOS
2017

HIAGO JOSÉ PEREIRA LOBATO FÉ

Cultura política e representações discursivas: os usos da imagem política e social do ex-presidente da república Luiz Inácio Lula Da Silva pelos periódicos (1989-2010)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof^a. Ms. Carla Silvino de Oliveira

PICOS

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

F111c Fé, Hiago José Pereira Lobato.

Cultura política e representações discursivas: os usos da imagem política e social do ex-presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva pelos periódicos (1989-2010) / Hiago José Pereira Lobato– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (48 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.

Orientador(A): Profª. Ma. Carla Silvino de Oliveira

1. Cultura Política. 2. Silva, Luiz Inácio Lula da.
3.Representação Discursiva-Política. I. Título.

CDD 981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezessete (17) dias do mês de fevereiro de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Hiago José Pereira Lobato Fé** sob o título **Cultura política e representações discursivas: os usos da imagem política e social do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva através de periódicos (1989-2010)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof^ª. Ma. Carla Silvino de Oliveira
Examinador 1: Prof^ª. Dra. Ada Raquel Teixeira Mourão
Examinador 2: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 17 de fevereiro de 2017

Orientador (a): Carla Silvino de Oliveira

Examinador (a) 1: Ada Raquel Teixeira Mourão

Examinador (a) 2: Francisco Gleison da C. Monteiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a graça dessa conquista, aos meus pais Valter e Maria Celene por todo apoio na minha vida social enquanto um bom ser humano e na vida acadêmica, a todos aqueles que estiveram comigo ao longo desta jornada, por todo suporte e incentivo dados nos momentos difíceis e por dividirem os bons momentos. Agradeço também a todos meus professores ao longo do curso e examinadores da banca pelas lições de vida, contribuições morais e metodológicas, agradeço em especial a minha orientadora, professora Carla Silvino por todas as críticas e elogios.

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, Valter Pereira Fé e Maria Celene Pereira Lobato, pelo sacrifício de uma vida para que meus irmãos e eu tivéssemos a formação moral e acadêmica tão desejada.

Aos meus irmãos, Ane Caroline e Rafael, pela cumplicidade, companheirismo e afeto, e à minha namorada Lana Gervásio.

Aos meus amigos e em especial meus colegas que compartilharam cada momento vivido desta jornada que chega ao fim. O meu MUITO OBRIGADO!

RESUMO

O presente trabalho pretende comparar os discursos de duas revistas semanais, Carta Capital e Veja, em relação a trajetória política do ex-presidente Lula, no período entre 1989-2010. Destacando as suas respectivas orientações políticas e influência sobre seus leitores. Analisando também os discursos de autores como Remond para envolvermos a importância da Cultura Política e Martins para entendermos os posicionamentos da mídia e dos periódicos diante das classes dominante e dominada, buscando compreender a influência da imprensa-partidária para a democracia e para a cultura política do Brasil construindo um embasamento para se entender os posicionamentos da mídia tomando as suas posturas éticas e morais quanto aos seus fatos.

Palavras-chave: Cultura Política. Lula da Silva. Imprensa

ABSTRACT

The present work intends to compare the speeches of two weekly magazines, Carta Capital and Veja, in relation to the political trajectory of former President Lula, in the period between 1989-2010. Highlighting their respective political orientations and influence on their readers. Analyzing also the discourses of authors like Remond to involve the importance of Political Culture and Martins to understand the positions of the media and the periodicals before the dominant and dominated classes, trying to understand the influence of the party press for democracy and for the political culture of the Brazil building a foundation to understand media positions taking their ethical and moral stances as to their facts.

Key Words: Political Culture. Lula da Silva. Press.

SIGLAS

CUT: Central Única dos Trabalhadores

FHC: Fernando Henrique Cardoso

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PPS: Partido Popular Socialista

PRN: Partido da Ressocialização Nacional

PSB: Partido Socialista Brasileiro

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PCdoB: Partido Comunista do Brasil

PSTU: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT: Partido dos Trabalhadores

PV: Partido Verde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – POSICIONAMENTO DA IMPRESA PÓS DITADURA MILITAR.....	14
1.1 Orientação política das revistas Carta Capital e Veja.....	14
1.2 Fundação da CUT e do PT.....	15
1.3 Lula e sua escrita na história.....	18
1.4 A herança política brasileira.....	20
CAPÍTULO 2 – IMPRENSA PARTIDÁRIA E CULTURA POLÍTICA.....	23
2.1 Opinião das revistas.....	23
2.2 A mídia tendenciosa.....	25
2.3 Carta Capital <i>versus</i> Veja.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

A monografia intitulada “Cultura política e representações discursivas: os usos da imagem política e social do ex-presidente da república Luiz Inácio Lula Da Silva pelos periódicos (1989-2010)” tem como objetivo analisar a construção da imagem e do discurso político-social do ex-presidente “Lula” (1945) durante o período que abrange a sua primeira candidatura à presidência até encerrar o seu último mandato. O despertar para a temática abordada neste estudo surgiu a partir do meu incômodo de como a política estava sendo praticada dentro do âmbito de minha família, que encontrava muitas dificuldades para escolher um candidato ou partido envolvido nas eleições presidenciais, buscava-se indicação que seria uma boa escolha para o país e as necessidades das pessoas que trabalhavam e sobreviviam da agricultura e moravam na “roça”, pois os discursos sempre tinham um distanciamento da realidade vivenciada por essa população, inclusive da minha.

A principal questão vem à tona a partir da necessidade de compreensão da maneira como os discursos da história da cultura política do tempo presente foram moldados, transformando um retirante nordestino em uma figura política de grande expressão para a população menos favorecida, que nunca antes havia se sentindo representada politicamente. Principalmente se verificarmos a origem social dos presidentes republicanos do país que geralmente são políticos profissionais e oriundos de famílias ricas.

Diferentemente da história tradicional que aborda e enobrece os Estadistas, detentores do poder; naquele momento surgiu uma situação que propôs uma nova forma de governar que enfatizava uma maior participação da classe trabalhadora. Assim, o recorte temporal determinado, 1989 a 2010, representa a mudança de lugar social do Lula, de proletário para presidente da República, utilizando seus discursos para traçar um paralelo entre o antes e depois na sua trajetória política nesse período.

Este é um trabalho sobre os discursos da imprensa durante a trajetória de Lula desde trabalhador sindicalista ao político, no qual busca mostrar a importância do processo de inclusão e desenvolvimento de ideias na obtenção de resultados positivos para a sociedade, procurando explorar a necessidade de um bom líder para o crescimento e aceitação dos seus discursos ganhando notoriedade e lutando por uma classe social em desenvolvimento. Este assunto é de suma importância, pois a

figura de Lula está relacionada a um importante momento histórico de lutas de classes, busca de direitos estabelecidos pela constituição e principalmente da busca por uma identidade da classe trabalhadora.

Mediante as informações acima, podemos ressaltar que a justificativa para o tema e a sua relevância na sociedade e acadêmica é de que a exploração deste é imprescindível para ajudar a entender as transformações de ideias e discursos que complementaram a ascensão de Lula e como a imprensa brasileira abordava a sua imagem política, sua ideologia de esquerda e seus discursos.

Um fator catalisador, que reafirma a importância e a necessidade desta pesquisa é ver autores, em várias obras de síntese historiográfica, descreverem uma caricatura da história política cada vez mais longínqua da realidade encontrada em todas as esferas do Estado. Alguns autores vão discutir a necessidade de abordagem da cultura política e da política como fatores importante para entendermos as lutas de classes e as necessidades sociais de cada contexto histórico. No entanto, é de inegável relevância que aqueles que possuem maior condição econômica também possuem maior número de oportunidades de manter-se em melhor condição, sendo que na política brasileira não é diferente tal abordagem.

Diante dessa conjuntura, Rémond (2003) afirma que a política é um lugar de gestão do social e do econômico e a cada dia menos pesquisadores acreditam em infraestruturas governando superestruturas, dando preferência a discernir uma diversidade de setores – o cultural, o econômico, o social, o político – que se influenciam mútua e desigualmente segundo as conjunturas, salvaguardando simultaneamente sua vida autônoma e seus dinamismos próprios.

Seguindo esse mesmo viés, para Ferreira (1986), política é ciência do governo das nações; a arte de regular as relações de um Estado com os outros Estados. Todavia, o mesmo define o termo como sinônimo de esperteza, finura, maquiavelismo, cerimônia, cortesia, civilidade, urbanidade. O termo Política tem facetas diferentes na língua portuguesa, tendo sentido pejorativo e elogioso.

O termo política, segundo Bobbio (1980), é de origem grega *politiká*, derivado de *pólis* referente ao que é público. Política tem diversos significados, contudo, comumente está conectado com o que diz respeito ao que é público e coletivo. Aristóteles define política como a ciência mais suprema, a qual as outras estão subordinadas e são subservientes à cidade. Sua função é investigar qual a maneira

mais adequada de governo e quais são as instituições capazes de prover a felicidade coletiva.

Na busca de uma representatividade ética e aceita, o Estado é um mecanismo moral e social, categoria e alicerce da moralidade que permeia todo um contexto no qual o indivíduo está inserido. Apesar disso a política distingue-se justamente da moral por que os objetivos são diferentes, ou seja, a moral é voltada ao indivíduo e a política à coletividade.

A história política tradicional tende a agir de forma que impeça a existência de comparações no tempo e espaço e a produção de generalizações e sínteses que dimensionam cientificamente o trabalho do historiador, fazendo com que a história permaneça narrativa, circunscrita a uma descrição unidimensional, focalizando os poderosos e desvalendo as massas. Destacando como toda a sociedade contribui para construção de um modelo político que descontrói o paradigma habitual no Brasil, moldando novos passos em direção à uma conjuntura política inédita.

Em busca de uma história total, surge uma nova vertente da história política na qual o econômico e o social devem ocupar um lugar fundamental. Arraigada nos fatos sociais para o máximo de realidade, pressupondo que movimentos de coletivos são mais importantes no curso da história do que iniciativas individuais e que fenômenos de longa duração são mais significativos que o de fraca intensidade. Diante disso Remond (2003 p. 18) afirma que:

Havia chegado a hora de passar da história dos tronos e das dominações para aquela dos povos e das sociedades. (...) A história política tradicional, isolando arbitrariamente os protagonistas das multidões, travestia a realidade e enganava o leitor.

A compreensão sobre a influência da cultura política é primordial para que os indivíduos que participam dos processos desencadeados pelo relacionamento entre político e eleitor possam assimilar suas diferenças e suas semelhanças, compreender as necessidades que envolvem tanto a classe dominante quanto a classe dominada. Sem deixar de lado o fato de que são conceitos e ideias políticas e culturais que influenciam no modo de cada ser social, seja na teoria ou na prática a entender a sua função social. Importante ressaltar que Kuschnir e Carneiro (1999 p. 227) referem-se que:

Cultura política refere-se ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político,

pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores.

Ao considerar tais aspectos para apreciação dos políticos das sociedades democráticas chega-se a uma abordagem comportamental que pondera os critérios subjetivos das orientações políticas das massas desfavorecidas e da elite abastada. Para isto, é preciso que a esfera política seja vista como uma célula autônoma, para que possa ser percebida, analisada e avaliada pelos indivíduos de certa coletividade. Por conseguinte, as culturas políticas agem como fator de agregação para determinado grupo que a utilizará para constituir uma visão comum do passado e do cenário atual no qual estão inseridos. Deste modo, surge um novo enfoque que auxilia na compreensão das razões que uma pessoa, um grupo ou uma sociedade admitem certo comportamento político.

No livro *Para Uma História Cultural*, Rioux e Sirinelli (1998), endossam que a cultura política está calcada no fato que se encontra interiorizada no indivíduo e determina suas motivações de um ato político. O historiador deve estar atento a ela, pois ao mesmo pé que habita e intima individualmente o cidadão, também é compartilhado coletivamente por grupos inteiros que tem os mesmos interesses e vivenciaram as mesmas experiências. Quando dominado por certa circunstância, vivendo em um meio social com preceitos análogos, tendo vivenciado as mesmas anormalidades e em decorrência destas tenha feito idênticas escolhas, gerações inteiras dividem a mesma cultura política que será determinante na tomada de decisões frente a novas situações.

Jean-Pierre Rioux e Jean-Fraçois Sirinelli (1998, p. 362-363) apontam a importância da análise da cultura política para o historiador:

Permite em primeiro lugar pelo discurso, o argumentário, o gestual, descobrir as raízes e as filiações dos indivíduos, restituí-las à coerência dos seus comportamentos graças à descoberta das suas motivações, em resumo, estabelecer uma lógica a partir de uma reunião de parâmetros solidários, que respeitam ao homem por uma adesão profunda, no que a explicação pela sociologia, pelo interesse, pela adesão racional a um programa se revela insuficiente, porque parcial, determinista e, portanto, superficial. Mas, em segundo lugar, passando da dimensão individual à dimensão coletiva da cultura política, esta fornece uma chave que permite compreender a coesão de grupos organizados à volta de uma cultura. Fator de comunhão dos seus membros, ela fá-los tomar parte coletivamente numa visão comum do mundo, numa leitura partilhada do passado, de uma perspectiva idêntica de futuro, em normas, crenças, valores que constituem.

As fontes trabalhadas neste estudo são matérias da época, publicações em revistas – tais como Revista Veja e a Revista Carta Capital– que servirá como base, pois apresentam uma abordagem diversa sobre a imagem discursiva de Lula, além de estudos, livros, e artigos que contemplam política, história política e, principalmente, a influência da cultura política na sociedade para que estes fundamentem teoricamente o pensamento crítico e analítico desenvolvido a seguir. Metodologicamente será realizado um estudo comparativo dos discursos dos periódicos das revistas sobre Lula, na construção dos moldes sociais, na cultura pensada no plural abrangendo a esfera dominante e a dominada, que implica em mudanças constantes dos discursos que são aceitos por cada grupo social.

Este trabalho é uma possibilidade de auxílio à compreensão do modo como se dão as relações as discursivas da imprensa com relação à política, e como isso impacta no relacionamento entre dominados e dominadores, proporcionando uma análise dos conceitos e ideologias políticas e culturais que influenciaram nas correntes sociais identificadas na sociedade brasileira tomando como ênfase o recorte temporal determinado.

O primeiro capítulo apropriar-se de um contexto historiográfico que define os conceitos e ideologias sobre política, cultura política e história política e suas categorias, dando embasamento teórico para o entendimento da composição da esfera política e cultural no Brasil, de 1989 a 2010, enfatizando às principais características da política de orientação de esquerda e direita, seus discursos da época, dentro do contexto da redemocratização do país.

Por fim, no capítulo dois do presente estudo tem como objetivo, analisar a produção discursiva da imprensa sobre a ação política do ex-presidente, enfatizando os discursos que o qualificam e desqualificam referente a biografia e trajetória de vida de Lula. Tendo como referência os discursos da Revista Carta Capital e a Revista Veja.

Capítulo 1 – POSICIONAMENTOS DA IMPRENSA PÓS DITADURA MILITAR

1.1 Orientação política das revistas Carta Capital e Veja

O presente capítulo está fundamentado nas informações teóricas que embasam o estudo da imprensa brasileira sobre as suas particularidades, ideologias, orientação política partidárias e metodologia. Através desses pilares da história, da cultura e da política que haverá uma investigação do tema buscando as expressões mais eficazes para que os objetivos sejam alcançados.

A conquista da democracia no Brasil, não veio apenas de uma luta em busca da conquista de um direito, ou da história e tradições de uma classe elitista que estava no poder. Esta sim conquistada e erguida da conscientização de um povo que clamava por liberdade direito de falar, de ir e vir, pela legitimidade de pensar e expor seus pensamentos, de ir às ruas protestar e, principalmente, participar na escolha dos governantes através do voto direto. Importante passo no que tange à soberania e à liberdade popular que através da Constituição de 1988, significou o crescimento da autonomia popular.

É dentro desse contexto de transformações políticas governamentais e lutas sindicais de classe que surge uma abordagem histórica de acordo com as produções historiográficas da imprensa brasileira tanto para orientações de esquerda quanto para as orientações de direita. Enfatizando o processo de redemocratização, da política no período que corresponde desde o Lula sindicalista e se estende até o seu último mandato na presidência da república.

As definições de tais conceitos se adequam aos contextos históricos e sociais salvaguardando períodos determinado, ou seja, assumem uma determinada postura numa determinada consolidação de ideias e fatos. Para Bobbio (2001 p. 49):

“Direita” e a “esquerda” são termos antitéticos que há mais de dois séculos tem sido habitualmente empregados para designar o contraste entre as ideologias e entre os movimentos em que se divide o universo, eminentemente conflitual, do pensamento e das ações políticas. Enquanto termos antitéticos, eles são, com respeito ao universo ao qual se referem, reciprocamente excludentes e conjuntamente exaustivos. São excludentes no sentido de que nenhuma doutrina ou nenhum movimento pode ser simultaneamente de direita e de esquerda. E são exaustivos no sentido de que, ao menos na acepção mais forte da dupla (...) uma doutrina ou um movimento podem ser apenas ou de direita ou de esquerda.

Diante dessa passagem é interessante destacar que tanto os discursos da esquerda brasileira quanto os da direita tiveram as suas contribuições para a sociedade, teoricamente, ambos buscam representar os melhores interesses da população. É possível constatar em cada discurso de movimento sindicalista político em que o ex-presidente Lula participava havia um teor de ideias de esquerda.

Para Rossato (2005) os leitores da Revista Veja têm nível de escolaridade acima da média nacional e, por isso, formam a elite do Brasil, influenciada por Veja na tomada de decisões. Corriqueiramente esta assume uma postura de direita. Do lançamento bem-sucedido em 11 de setembro de 1968 a meses de queda vertiginosa nas vendas. Assim foi o começo daquela que se tornaria a maior revista semanal de informação do Brasil. Considerada incentivadora dos direitos individuais e poderes sociais contra a intervenção estatal, defende a liberdade de mercado e o patriotismo e valores religiosos e culturais tradicionais acima das reformas da sociedade.

Enquanto isso a Revista Carta Capital, segundo Santos (2009), a mesma tem um tom bastante personalista, característica que deixa explícita ao leitor. A Revista defende que os meios de comunicação como um todo assumam publicamente suas afinidades político-partidária, pois entende que agir dessa maneira é honesto com o leitor.

A Carta Capital preponderantemente de esquerda aborda a importância da mesma através do segundo a Mídia Kit da Carta Capital (2015 p.5), pois surge como uma alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira, esta nasceu calçada no tripé do bom jornalismo baseado na fidelidade à verdade factual, no exercício do espírito crítico e na fiscalização do poder onde quer que se manifeste. Leitura obrigatória para quem busca informação exclusiva e qualificada, com uma visão crítica dos acontecimentos de política, economia e cultura.

1.2 Fundação da CUT e do PT

A defesa dos interesses da classe trabalhadora ao longo da história foi se tornando essencial nas transformações das classes. Sendo que os movimentos sindicais no Brasil tiveram fundamental importância na construção de um sindicalismo participativo e representativo da classe trabalhadora. A transformação que se dá no final da Ditadura Militar e início da Nova República no sindicalismo brasileiro contribuiu

para que essa classe rompesse o paradigma da não representatividade. Para Molina (2017):

O trabalhador se educa nas lutas, se politiza nos conflitos, se torna sujeito de sua história, e rompe a alienação. O sindicato é importante instrumento de educação coletiva das massas. As lutas contra os patrões e o enfrentamento à repressão policial, os debates travados nas assembleias, as palavras de ordens gritadas nas passeatas, os congressos e as discussões de propostas contra o capital e o capitalismo são espaços e mecanismos de educação política dos trabalhadores. A formação política, e a reflexão crítica organiza as ideias e a teoria que se produz da prática das lutas. Esses elementos o Novo Sindicalismo resgatou e os trabalhadores assumiram seu protagonismo. No início da década de 1980 precisamente nos anos 1981 a 1983, o movimento sindical buscou construir um projeto político que unificasse as lutas e superasse a estrutura herdada do Varguismo e aprofundada na ditadura.

Diante deste contexto surge uma força significativa que abraça as causas da classe trabalhadora combatendo as políticas conservadoras e moldando uma identidade de causa onde o movimento operário e sindical serviu de ponto de apoio e credencial para a conquista de novos espaços. A Central Única dos Trabalhadores (CUT) fundada em 1983 possui característica preponderante no que tange aos discursos sobre Lula, pois tanto na teoria quanto na prática mantinham uma postura de esquerda.

A partir desse momento os movimentos tornam-se mais frequentes e participativos no âmbito político e democrático. Entretanto, segundo Rousseau (1999, p. 151) “Uma sociedade só será verdadeiramente democrática quando ninguém for tão pobre que tenha que se vender a alguém e tão rico que possa comprar alguém”. Democrático é o processo eleitoral no qual a liberdade igual dos cidadãos perpassa todas as fases e seja assegurada plenamente a todos os membros da sociedade.

Não obstante, junto com o sindicalismo a democracia contemporânea requer uma cidadania ativa que se envolva via discussões, deliberações, referendos e plebiscitos, ou seja, por meio de mecanismos formais e informais sem haver a perda de legitimidade no envolvimento popular evitando a sua dimensão formal no seu processo de construção. Refletindo sobre o tema Hayek (1960) ressalta que, da mesma forma que é verdadeiro para a liberdade, os benefícios da democracia se mostram somente a longo prazo, podendo seus benefícios imediatos serem inferiores

aos de outros tipos de governo. No transcurso do processo democrático brasileiro, Holanda (1984 p. 119) define que:

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas. E assim puderam incorporar à situação tradicional, ao menos como fachada ou decoração externa, alguns lemas que pareciam os mais acertados para a época e eram exaltados nos livros e discursos.

Os caminhos da construção democrática e de constituição de uma cultura participativa e de cidadania são particulares em cada formação sócio histórica. Cada Estado guarda, portanto, elementos particulares que contribuem para a definição de seus contornos políticos e administrativos, especialmente a natureza do conflito de classes em seu interior. Como aponta Oliveira (2007, p. 08), “a cultura política brasileira, que ainda hoje ostenta o clientelismo, tem raízes fincadas nos mais de trezentos anos de colonização no Brasil, na sociedade patriarcal e na relação de dominação do colonizador sobre o colonizado”.

É muito importante destacar que não só o sindicalismo possui suas raízes. Mas a cultura política é atravessada por diversos discursos, práticas e ideologias orientadas por diferentes valores ou interpretações da realidade. Os fatos políticos precisam ser interpretados à luz dos valores, crenças, interesses e objetivos dos diversos segmentos de que a sociedade é composta. Nesta perspectiva, salvaguardadas as limitações, cabe aqui o pensamento de Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista acerca da política, pois suas formulações sugerem a existência de um estado de classe funcionando como aparelho de sustentação e reprodução da dominação. Segundo Marx e Engels (1999 p.128):

Até hoje, a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias, tem sido uma história de luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, burgueses e proletários, numa palavra, opressores e oprimidos, classes estas que se opõem de forma franca ou disfarçada, criando uma guerra ininterrupta que pode levar ou a transformação revolucionária da sociedade ou a destruição das classes em disputa.

É muito difícil resumir a herança cultural de uma sociedade sindicalista pois a cultura é fruto de diferentes experiências históricas, o que podemos presumir é que existe um comportamento político de acordo com a cultura que se desenvolve em

cada nação, e que esta cultura com o passar do tempo se torna tão intrínseca, tão marcante que ela acaba sendo um determinante no comportamento de atores políticos presente em cada espaço.

1.3 Lula e sua escrita na história

Para respaldar esta análise, busca-se ponderar alguns fatores de caráter histórico-estrutural que possibilitem uma compreensão contextualizada de como foram condicionados as crenças e os valores em um determinado tempo e contexto histórico. Destaca-se, entretanto, como elemento primordial a figura emblemática de Luiz Inácio Lula da Silva que surgiu em meio a um processo de transformação social e político do Estado brasileiro.

Durante o período de 1994 a 2002, especificamente, seu comportamento, discursos e imagem foram mudando gradualmente, baseado em experiências vividas e acompanhando as exigências de cada ação. No entanto os fatos ocorridos anteriormente contribuíram significativamente para a sua carreira, em 1979, ele foi eleito presidente do sindicato dos metalúrgicos, liderou uma greve unificada da classe, principalmente em razão da greve, tornou-se uma liderança popular nacionalmente. Nos demais anos, ganhou destaque na mídia principalmente por ter sido candidato à Presidência da República. Para Frei Betto (2010):

Lula chega à Presidência graças ao movimento social articulado nos últimos 40 anos, no qual a pedagogia de Paulo Freire teve mais peso do que as teorias de Marx. E também por força de uma de suas virtudes, a persistência. Ele não sabe perder. Nem no baralho. Foi essa persistência que o fez renovar o sindicalismo brasileiro; fundar o PT; criar a Anampos; a CUT; o Instituto Cajamar, escola de formação política de lideranças populares; e o Instituto Cidadania, centro de pesquisa e elaboração de políticas públicas [...] Lula traz no rosto o traço da indignação. Ficou marcado pela fome; o trabalho infantil como vendedor ambulante, na Baixada Santista [...] a labuta noturna, que lhe custou o dedo mindinho da mão esquerda; a morte, no hospital, da primeira mulher e do bebê que ela trazia no ventre, porque pobre não conta para o sistema de saúde. São experiências que forjam a sua personalidade e o incentivam a lutar pelos direitos da maioria, sem, no entanto, ceder aos encantos do poder.

Eis a importância de instruir-se com o passado e de rompe-lo, para brotar um futuro de sucesso político, assim fez Lula, optando por uma luta “democrática”, com diálogo e manifestações públicas em prol de autonomia e liberdade sindical, direito de

greve e salário mínimo unificado e acima de tudo surgiu uma oportunidade de avançar democraticamente.

No decorrer da trajetória sindicalista e política, Lula não só se dispõem a lutar por melhores condições de trabalho como também toma a frente dessa luta e adota novos ideais. Segundo Mariana Zoccoli (2015) da agencia PT de notícias, a trajetória de Lula começou como orador em diferentes movimentos sindicais, liderando alguns, contudo sua bandeira de uma luta mais justa se consolida na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980 onde se alia a outros líderes sindicais e do qual se tornou presidente. É importante mencionar também que participou da fundação da CUT, Central Única dos Trabalhadores, junto com políticos, intelectuais de outros movimentos.

É nesse momento que surge um importante partido político da redemocratização do Brasil, com novas interpretações ideológicas que busca defender os menos valorizados. A luta pela representação de um partido político de esquerda requer participação cidadã que busca no imaginário social o verdadeiro poder da transformação. Diante disso é abordado na Carta de Princípios do PT que, é por isso que não acreditamos que partidos e governos criados e dirigidos pelos patrões e pelas elites políticas, ainda que ostentem fachada democrática, possam propiciar o acesso às conquistas da civilização e à plena participação política a nosso povo.

É interessante ressaltar que em um pouco mais de duas décadas, sua presença decisiva e quase onipresente como porta voz dos trabalhadores, e principal líder da oposição, deixaria marcas formidáveis no modelo de democracia instalado no país, pois mobilizou grande parcela da sociedade brasileira, principalmente a classe operaria. Nesse período, Lula foi possivelmente o principal articulador e incentivador dos movimentos sociais sindicais da CUT.

Diante da abordagem é importante ressaltar que a cultura política de Lula também pode sofrer transformações no transcurso de determinados espaços e períodos de tempo afetando os processos de democratização, mudando crenças e percepções tanto das elites quanto das massas revitalizando normas e preferências democráticas. Isso leva valores e comportamentos democráticos a ser renovados continuamente, de maneira a evitar uma subversão da democratização. Segundo Baquero (1998 p. 44):

Segundo a teoria da hegemonia, os setores dominantes da sociedade, a fração que está no poder – constroem uma hegemonia que é simultaneamente a garantia e a justificativa do seu domínio. Em outras palavras, os setores hegemônicos constituem um sistema de crenças e valores que passam a ser considerados como senso comum, ao mesmo tempo em que essas crenças e valores, por sua vez, são constituintes da sociedade. Desta forma, os valores e crenças hegemônicos – que se manifestam na cultura política - são simultaneamente uma apreensão e uma construção dinâmica da realidade, a partir de determinada concepção de mundo.

Na busca por uma democracia em que os setores dominados tenham uma participação mais nítida é necessário ir contra a hegemonia dos setores dominantes. Um exemplo que figura esse rompimento de postura está caracterizado nos movimentos sociais conhecidos como as Diretas Já.

O primeiro grande comício das Diretas Já, ainda em 1983 foi o evento histórico mais relevante que traduz a capacidade de mutação da cultura política que se materializa através da promulgação da Constituição Federal em 1988, promovendo a redemocratização do país, imposta pela força do povo, e não somente das elites politizadas, detentoras históricas do poder. O movimento popular conhecido como Diretas Já (movimento político defendendo o voto direto democrático) foi um grande precursor, que fortaleceu o processo iminente de retorno à democracia.

1.4 A herança política brasileira

Importante ressaltar que o discurso político se constrói como uma manifestação sobre os espaços sociais buscando a alteração da ordem e à projeção de um futuro. No entanto os movimentos de esquerda buscavam através das lutas novos ideais e principalmente novos posicionamentos ideológicos. Para Gomes (2017) o PT além de ter atraído o operariado sindicalizado da grande indústria, aproximou-se bastante dos setores conservadores, atraiu também uma juventude de classe média que estivera alienada e sem participação e que vinha perdendo garantias e privilégios de classe, atraiu conceituados segmentos da Igreja Católica, por fim atraiu políticos jovens advindos de experiências frustradas. Estes últimos foram sem dúvida os grandes organizadores do PT.

Foi através de novos posicionamentos que Lula foi ganhando destaque na mídia escrita, tanto na esquerda quanto na direita, foi-se caracterizando como um líder

operário de grande carisma que apesar de vir da classe baixa e tê-la conquistado, também ganhou os braços de uma grande parcela da classe média.

A identificação com uma cultura, que se dá através do conflito entre padrões valorativos, é o ponto de partida para a formação de preferências. São as diferenças entre os grupos que definem a própria identidade cultural. No entanto, a pluralidade de objetivos presentes na sociedade depende de um demorado e por vezes, contraditório trabalho de elaboração coletiva, ou seja, um difícil processo de negociação, interesses, concepções e, principalmente, expectativas distintas sobre a ordem democrática, logo que, a cultura é formada pela atuação individual e pela tomada de decisão, assim como condiciona esse processo. Segundo Faoro, (1989 p.13):

O patrimonialismo é o eixo principal da cultura política brasileira, que somado a outras práticas como o clientelismo, a ética do favor e a corrupção se tornam os responsáveis pelo fracasso das demandas populares e pelas insurreições democráticas. O patrimonialismo com sua teia de amizades, de favores, de tolerâncias e apadrinhamentos, é responsável pela permanente tomada de poder e de políticas de governo frustrantes no Brasil.

As atitudes dos cidadãos se estruturam a partir da cultura adquirida através das gerações. Nesse viés, Fernandes (2017) aborda que um dos fenômenos mais explicitamente patrimonialista da história política brasileira foi o coronelismo durante a república velha. O coronel era o típico líder paternalista.

Neste sentido, a mudança social, entendida enquanto nova ordem estrutural, é parte do sujeito, ou seja, para mudar estruturas sociais, e políticas, principalmente, há que se mudar, antes de tudo, a prática humana. Mudando as pessoas, muda-se a sociedade. Diferentes culturas políticas são fruto de diferentes experiências históricas, isto é, difícil avançar na mudança estrutural sem que haja modificações nas práticas sociais de sujeitos. Contudo é a cultura, costumes, valores, comportamentos que configura a argamassa que une a pessoa à realidade social por meio das relações e das interações.

Embasado no que foi exposto neste capítulo, adiante há uma abordagem crítica sobre o modo que a mídia escrita interpretou a ascensão do sindicalista à presidência da República do Brasil através das suas falas de esquerda. Fornecendo as ferramentas necessárias para que ocorra a identificação dos conceitos,

características e ideias presentes na cultura política e com isso proporcionar a compreensão dos seus ideais.

CAPITULO II –IMPrensa PARTIDÁRIA E CULTURA POLÍTICA

2.1 – A opinião das revistas

Configurado o contexto no qual se insere as prerrogativas de opinião sobre a imagem política de Lula diante das revistas Carta Capital e Veja será calçado um paralelo entre ambas abordando os seus principais pontos de divergências. Ao longo do período 1989-2010 a historiografia das revistas foram moldando-se para atender aos interesses públicos e privados e com isso construir os seus próprios discursos de alienação social.

Historicamente a democracia brasileira vem rompendo as fronteiras a fim da concretização de um governo mais efetivo, impondo desafios à participação popular, e sobretudo abrangendo sua área de participação e influência. O desenvolvimento de uma política democrática e participativa, formalizada em seus discursos monopolizados demonstra uma grande capacidade de discernimento, em que a imagem do personagem político essencialmente é delineada basicamente na esfera midiática a partir de produtos de múltiplos gêneros que constroem e desconstroem valores a respeito da realidade social.

A formação de uma opinião pública explicada com fundamentos racionais, pautadas em princípios éticos e morais é condição imprescindível para o adequado funcionamento de um regime democrático. Entretanto, cabe principalmente aos meios de comunicação esse papel, pois um dos grandes desafios da imprensa é pautar com precisão o direito à informação abordando temas, cujos pontos de vista particular sejam significativos para o desenvolvimento da opinião pública. O direito de se expressar livremente é um importante fator de desenvolvimento do indivíduo enquanto ser social e a mídia contribui significativamente na formação de opinião.

Um fator importante a ser levado em consideração é que os veículos de comunicação são de extrema necessidade para que a sociedade exerça a liberdade de expressão, pois fornecem um alicerce pelo qual esse direito é efetivamente posto em prática. Nesse viés Andrew Puddephatt (2011 p. 12) aborda que:

A mídia divulga histórias, ideias e dados e age como uma força que corrige a “assimetria natural da informação” entre governantes e governados, como também entre agentes privados concorrentes. A mídia também pode funcionar como um fiscal, promovendo a transparência no governo e a vigilância pública daqueles que estão no

poder, expondo casos de corrupção, improbidade administrativa e corporativa. Deste modo, ela pode ser uma ferramenta de aperfeiçoamento da eficiência econômica. A mídia pode ser ainda uma voz nacional, um meio pelo qual a sociedade possa aprender sobre si mesma, construindo assim um sentimento de comunidade e valores compartilhados. É um veículo para a expressão cultural e a coesão entre os estados de uma nação.

A mídia sempre teve um papel importante na transformação da sociedade, seja transmitindo informação, caracterizando a imagem de um contexto ou indivíduo social e com isso determinando a construção da identidade destes. A importância da imprensa no âmbito democrático assim como a sua natureza mudam ao longo do tempo e conseqüentemente, variam com as suas particularidades, levando em consideração a própria noção sob perspectiva. Entretanto, deve-se ter em vista sobre a imprensa um olhar diacrônico levando em consideração um dado momento e o lugar social inserido ou em cada periódico produzido.

As riquezas das fontes e suas múltiplas possibilidades de abordagem cumpriam um importante papel na difusão de valores de cada grupo social, ou seja, determinadas sociedades interpretavam as informações de acordo com suas necessidades, convicções, crenças e valores. No entanto não há como deixar de lado um importante e decisivo fator como a censura, que está presente em vários momentos históricos, como a Ditadura Militar (1964-1985).

Com as transformações constantes da sociedade brasileira ficava mais evidente que os meios de comunicação eram tendenciosos e parciais, tomando partido daquilo que mais lhe interessa. Martins (2003 p. 61) endossa um importante fator:

Insista-se que, sobretudo na virada do século XIX para o século XX, quando o jornalismo transformava-se em grande empresa, o caráter mercantil dos periódicos se acentuou, criados quase exclusivamente como “negócio” e fonte de lucros. Nesse propósito, veiculavam o que era rentável no momento, procurando “suprir a lacuna” do mercado, atender a expectativas e interesses de grupos, segmentando públicos, conformando-os aos modelos em voga; e, na maioria das vezes, a serviço da reprodução do sistema. Em outras palavras, desde então as revistas em geral matizavam a realidade, veiculando imagens conciliadoras de diferenças, atenuando contradições, destilando padrões de comportamento, conformando o público leitor às demandas convenientes à maior circulação e ao consumo daquele impresso. Ou seja: expressavam o comprometimento apriorístico com aquilo que o leitor queria ler e “ouvir”

2.2 O plano da mídia

Todavia, em momento algum da história deve ser descartado ou deixado de lado que aqueles que fazem e controlam os meios de comunicação são indivíduos que defendem uma ideologia, que possuem interesses e podem ou não influenciar na sua visão sobre os acontecimentos no seu transcurso, ou seja, podem distorcer os fatos de maneira que atendam a determinado interesse político, social e cultural, contribuindo assim para a construção de um objeto parcial.

Ao longo do tempo as informações noticiadas em revista, jornais e outros meios de comunicação foram adquirindo um papel vital na tarefa de informar a sociedade e sobretudo, descrever ações investigativas de agentes sociais de poder público e político, consistindo na difusão de histórias de interesses que provem da diversidade de visões na construção da imagem política e social que compõe o meio a ser inserido cedendo espaço aos mais favorecidos, tornando-se uma imprensa partidária. A mídia concentra-se basicamente nas mãos daqueles que controlam o fluxo de informações, os formadores de opiniões.

Usando a imagem política como exemplo, é notório que as motivações do modo de pensar e agir do homem possuem interesses no intuito de fabricar a representação social mais convincente provida de condições valorativas e ideológicas tomando partido do que é mais interessante aos seus olhos. É evidente e notório sua eficácia naquilo que divulga e principalmente no que silencia, inculcando ideias por meio de um sistema que alcança todas as classes. Nesse contexto de desconstrução e construção dos fatos é que Abramo (1998 p. 4) aborda:

Por isso é que o Padrão de Ocultação é decisivo na manipulação da realidade: tomada a decisão de que um fato "não é jornalístico", não há a menor chance de que o público tome conhecimento de sua existência, através da Imprensa. O fato real ausente deixa de ser real para se transformar em imaginário. E o fato presente na produção jornalística, real ou ficcional, passa a tomar o lugar do fato real, e a compor, assim, uma realidade diferente do real, artificial, criada pela imprensa.

Os discursos das notícias jornalísticos ao longo do tempo foram ganhando certas características que decorrem de um caráter apelativo, tendendo a concentrar-se em torno de um pequeno núcleo de personagens. A realidade na sua subjetividade é fragmentada em vários fatos que se complementam e apresentam-se na maioria

das vezes desvinculados e desconectados entre si, surgindo assim uma nova interpretação que pode ser entendida como sendo uma verdade absoluta.

Acontece que o processo político é construído discursivamente para reafirmar a identidade das ideias apresentadas junto à população, e é aí que o jornalismo entra dando suporte como um dispositivo importante de reconstrução da realidade dos fatos ideológicos enfatizando o papel e a imagem dos partidos políticos frente a sociedade e seus temas básicos do cotidiano. Para Emiliano (1996):

A Imprensa continua sólida na sua posição de camuflar suas opções políticas, tão evidentes, sob o manto sagrado daquilo que ela arbitrariamente qualifica como notícia, sob a postura olímpica de quem apenas cobre os acontecimentos. Nunca admite ter lado, preferência, partido – e ela sempre os tem (...). Ela sempre toma partido. Sabe de que lado está. Politiza sua ação. Têm consciência disso.

O objetivo principal da imprensa é construir um vínculo comunicativo com a sociedade dentro do seu contexto e com outros poderes constituídos, atribuindo-lhe as suas necessidades uma constante negociação e renegociação dentro de um cenário político em que prepondera o jogo de interesses. Dentro dessas características é que as notícias, os artigos, os exemplares produzidos pelos seus partidos conseguem adentrar a sociedade, amenizar crises e escândalos e também reforçar sentidos pertinentes em relação às legendas partidárias.

Para melhor compreender o assunto que se refere às necessidades de negociações e renegociações é imprescindível entender que a cultura midiática foi gerada a partir de determinadas condições sociais do sistema, da “luta” de classes entre dominantes e dominados, ou seja, surgiu como mais uma forma de racionalização do sistema. Exerce assim um papel fundamental de publicidade para manter a atenção do leitor, tanto na construção de uma imagem quanto na desconstrução. Com as mudanças e adaptações, os meios de comunicação transformaram-se em amplos confrontos de ideias discursivas ficando submerso aos “senhores” que são proprietários desses meios, defendendo uma postura cultural política e ideológica tanto de esquerda quanto de direita.

O conjunto de relações entre agentes na produção de informações podem surgir iniciativas que determinam favoravelmente ou não questões e acontecimentos que são vistos num determinado ponto no tempo e são classificados segundo a sua hierarquia. Definir as suas necessidades quanto às opiniões requer uma gama de interesses que ultrapassa os valores éticos e morais, contribuindo para que as

imagens de discursos produzidas pelos jornais e revistas transformem uma realidade ganhando aceitação e apoio político no processo de alienação social. Nessa linha Emiliano (2010 p. 9) aborda que:

No Brasil as críticas a uma atitude conspiratória da imprensa têm que ser relativizadas porque, de fato, em muitas ocasiões, a imprensa conspira a favor de suas posições, e quando o faz, de modo geral, coloca-se a favor também de propostas do próprio Estado strictu sensu, quando for o caso, ou de setores das classes dominantes, opondo-se a qualquer governo que eventualmente fira seus princípios programáticos, e não há descuido ao se declarar que a imprensa tem princípios programáticos porque ela os tem, e claros [...] uma mesma visão de mundo é construída cotidianamente a partir de ângulos implicitamente pactuados da realidade, de técnicas comuns de abordagem dos fatos, de rotinas produtivas consagradas que a levam a uma impressionante consonância temática. E quando há interesses a defender, especialmente quando se trata de defender o poder político que representa ou quando o problema é outro poder que a contrarie, a imprensa integra um bloco histórico e dele participa, sempre. Nesses casos, a imprensa não tem dúvida em se envolver diretamente na luta.

Os interesses ideológicos estampados nos periódicos sobre as políticas de esquerda e de direita são os mais variados possíveis, sempre trazendo as melhores ideias. Ou seja, a imprensa partidária nos leva a induções de transformações no seu conteúdo buscando sempre adaptar-se ao novo cenário político.

A esquerda e a direita disputam espaços de democracia, desenvolvimento e direitos, e em cada lugar as suas posições podem apresentar variações, mas há sempre que enxergar os dois campos de ideias. Presume-se que a direita tenha uma visão mais conservadora, ligada a um comportamento tradicional buscando manter assim o poder da elite e principalmente promover o bem-estar social. Contudo, já a esquerda assumiria uma postura de luta pelos direitos dos trabalhadores e da população mais pobre, buscando uma maior participação popular nos movimentos sociais na busca pelo bem-estar da coletividade. Suassuna em entrevista a Carta Maior (2014) define:

Temos também que olhar para trás e constatar que Herodes e Pilatos eram de direita, enquanto o Cristo e São João Batista eram de esquerda. Judas inicialmente era da esquerda. Traiu e passou para o outro lado: o de Barrabás, aquele criminoso que, com apoio da direita e do povo por ela enganado, na primeira grande “assembleia geral” da história moderna, ganhou contra o Cristo uma eleição decisiva. De esquerda eram também os apóstolos que estabeleceram a primeira comunidade cristã, em bases muito parecidas com as do pré-socialismo organizado em Canudos por Antônio Conselheiro. Para

demonstrar isso, basta comparar o texto de São Lucas, nos “Atos dos Apóstolos”, com o de Euclides da Cunha em “Os Sertões”.

Os exemplares de revistas e jornais traz consigo opiniões, depoimentos, imagens que contribuem significativamente para a construção da imagem política, fazendo com que seus leitores formem suas opiniões a partir das informações ali prestadas. Cada revista prima pelos seus posicionamentos políticos ideológicos, tendo grande influência na opinião pública, fazendo o leitor caminhar em direção as suas ideologias.

2.3 Carta Capital versus Veja

É inegável que os meios de comunicações possuem uma grande influência nos discursos democrático da política brasileira. No entanto as revistas aqui citadas caracterizam-se pelas suas postagens diante da construção da imagem política de Lula abordando a importância da sua participação e influência política no Brasil.

A Revista Veja, foi fundada em 11 de setembro de 1968 por Roberto Civita (1936) e tinha como seu diretor na época Mino Carta (1933) o então fundador da Revista Carta Capital. A Veja é uma das revistas que tem maior circulação no país, possui suas particularidades, é conhecida por sua influência política e seu papel decisivo em escândalos no país, além de reproduzir a visão da classe dominante. Nada obstante, suas matérias possuem um peso muito grande diante da sociedade que por sua vez acabam por mudar a opinião de seus leitores dando uma nova direção no seu modo de ver os fatos e discursos políticos.

Já, Carta Capital dita como a primeira revista de esquerda do Brasil, fundada em 1994 muito ligada aos pensamentos e intelectuais de esquerda como Carlos Nelson Coutinho¹. Sempre pautou por uma análise crítica da informação, tornando-se assim muito admirada por quem gosta de apreciar uma informação bem escrita com ideias e opiniões bem elaboradas, com bastante embasamento teórico ao invés de ter apenas informações sem profundidade. Nos transcurso de exemplares em muitas revistas algumas vezes a opinião aparece explícita nas matérias, em outros momentos aparece subentendida nas entrelinhas.

¹ Possui Bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (1965). Atualmente é Livre-docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Teoria Política.

Dentro desse contexto midiático hostil onde tem-se o maior cuidado nas escolhas das palavras para transitar em diferentes momentos, representando causas distintas, transitam líderes que estamparam definitivamente seu nome na história e no imaginário social do país, determinantes de uma cultura política própria de caráter mestiço tendo postura favoráveis a democracia.

Entre os anos de 1989 a 2010, Luiz Inácio Lula da Silva, transformou-se, tornando uma figura detentora de capital peculiar, de significado ímpar em termos culturais e sociais. De personalidade inigualável, tornou-se um dos maiores líderes mundiais, com um carisma poucas vezes visto e representante de uma classe expressiva e lutadora. No entanto, o conjunto das eleições presidenciais dos anos de 1989, 1994, 1998, 2002 e 2006 constituem o referencial, cada uma com suas peculiaridades de como Lula era reproduzido pela opinião pública da Revista Veja e da Revista Carta Capital.

O ano de 1989 foi composto por um cenário político ainda instável, pois deixaria para trás a ditadura militar, ou seja, deixava de ser uma nação dominada pelos militares, passando para uma democracia. Período esse emblemático, pois foi o primeiro a promover uma eleição direta ao cargo de presidente da república, é importante frisar que Lula, um operário sem formação superior, se candidatou pela primeira vez para presidência.

Então nesse período de um lado estava Lula (PT), representante dos partidos de esquerda com base política assentada entre os trabalhadores e as lideranças sindicais do país, do outro lado, seu principal concorrente ao cargo estava Fernando Collor de Melo (PRN). Lula é descrito pela Revista Veja (1989b. p. 34) da seguinte forma:

É dura a jornada do candidato operário Luiz Inácio Lula da Silva. Em todos os 24 concorrentes à sucessão do presidente José Sarney, Lula é o único que possui uma biografia de novela das 8 – retirante nordestino, mudou-se para o sul do país com 6 anos de idade, virou operário aos 14, líder metalúrgico aos 25 anos, deputado federal quando completara 41 e agora, com 43 anos, disputa a cadeira de presidente da República.

Enquanto isso, Fernando Collor era visto pela Veja (1989a. p. 46):

Em 1989, quando faltam três meses e meio para 80 milhões de brasileiros irem às urnas escolher o sucessor do presidente José Sarney, o Fernando Collor de Mello do momento é o próprio Fernando Collor de Mello – o nome, até agora, do candidato contra o “isso tudo

que está aí”, ou seja, a situação de mau governo que vem sendo condenada, eleição após eleição, pela grande massa dos brasileiros. Collor, na semana passada, continuava encarnado melhor que qualquer outro candidato o papel de homem que está “contra eles”.

O discurso de transformar, a ficção em realidade política foi preponderante para que a própria trajetória de Lula fosse utilizada na mídia, desqualificando-o ao associar a mais uma história de novela das 8. Dessa forma a Veja abordava uma imagem na qual este não tinha habilidade para assuntos ditos como sérios, tampouco condições para governar o país.

Foi a primeira vez que o Partido dos Trabalhadores investiu em eleições majoritárias por todo o país, então foi nesta disputa em que Lula tentou representar o povo brasileiro na sua totalidade como presidente do Brasil. Observando os dois importantes extremos da Revista Veja, existe a construção de um discurso em que a mesma demonstra um certo interesse pelo representante de direita. Segundo Gomes (2006 p. 7), a fusão entre a realidade política e social e a ficção é uma das chaves para a construção de um cenário favorável à candidatura Collor, principalmente na novela “Que rei sou Eu? ”, em que a Nova República é satirizada na forma do Reino imaginário de Avilã.

Existe, entretanto, no meio social uma luta política comunicativa e na novela “Que rei sou Eu? ”, que abordava o período da nova república brasileira após a ditadura militar, explorava os temas que marcavam a realidade daquela época como a corrupção, pobreza e os vícios da política da elite nacional.

Diante das transformações, Lula vinha construindo sua carreira política tendo também que enfrentar uma parte da mídia com seus discursos muitas vezes preconceituosos. A eleição de 1989 foi para o segundo turno entre Collor e Lula, onde Collor saiu vitorioso. Por fim, mesmo com controvérsias, as campanhas foram marcadas por uma forte polarização, onde o principal aspecto a ser destacado são as discussões criadas em torno de Lula, acerca do seu nível de escolaridade.

Dois acontecimentos foram de fundamental importância para o desenrolar da campanha no segundo turno, desconstruindo a imagem de Lula e do PT. Primeiro, o último debate polêmico transmitido pela Rede Globo de Televisão, onde as falas de Lula foram cortadas em alguns momentos, passando uma visão distorcidas sobre a realidade das suas ideias. O segundo acontecimento foi o sequestro do empresário Abílio Diniz, do grupo Pão de Açúcar em 11 de dezembro de 1989, que foi decisiva

para o resultado das eleições. A *Veja* (1989c. p.71-72) descreveu o fato com bastante dúvida no “ar”, mas de forma irônica, segundo a mesma:

De uma só vez, foram apanhados dez sequestradores, numa operação que chamou a atenção não só pela eficiência como pelo fato de que, entre todos os criminosos, havia cinco chilenos, dois argentinos, dois canadenses e apenas um brasileiro – o cearense Raimundo Rosélio Costa Ferreira [...] Ao longo das investigações sobre o sequestro de Abílio Diniz, a polícia exibiu um comportamento esquisito em relação a uma parcela do equipamento apreendido junto aos criminosos – as já celebres faixas e camisetas com propagando do candidato do PT à Presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva [...] Também é evidente, porém, que uma questão foi deixada no ar, e ela diz respeito a possíveis vinculações dos sequestradores com o PT, coisa que até agora não foi provada por ninguém. Depois desse cenário, torna-se uma questão urgente para a polícia esclarecer o que pode haver de verdade nos cartazes – e o que é puro teatro.

É interessante destacar que a representação da imprensa desconfigura ou as torna falsa uma realidade para que os interesses de uma classe social ou política seja alcançada. As vezes um único caso ganha repercussão capaz de transformar toda uma realidade. No decorrer da candidatura de 89 a mídia preponderantemente se constrói pautadas em fatos que por vezes pode esconder uma realidade em busca dos seus ideais de poder. Para Alves (2014) lá foi a Globo, capitaneando os oligopólios midiáticos, a distribuir a versão de que o sequestro teria sido feito para arrecadar recursos para o PT. O ódio da mídia e da classe dominante ao PT e a classe operária vem desde a sua criação, pois este veio para mudar a história do Brasil, colocando pobres, trabalhadores e todos os “diferentes” na história.

A luta da esquerda brasileira, mesmo tendo pouca visibilidade em relação à direita e apesar de ter perdido a eleição de 1989, não parou nesse momento. A classe trabalhadora clamava por representações majoritárias e continuaram apostando as suas esperanças em Lula, os discursos foram se moldando cada vez mais de acordo com as conjunturas sociais, políticas e culturais, novas imagens foram sendo construídas e outras tomando o seu processo de desconstrução.

Com uma derrota pode-se aprender muitas coisas, diferenciar quem está do lado de quem, e em 1989 isso ficou bastante claro de que lado a grande mídia brasileira estava. Esta centralidade da mídia, como campo privilegiado de atuação política e eleitoral, permite o agrupamento e fortalecimento dos processos de espetacularização e principalmente da personalização do candidato. No entanto, é

importante destacar que um bom político não é simplesmente uma pessoa, um partido ou uma ideia, mas sim a representação que se faz de determinadas ideias ou pessoas.

Em 1992, chega ao auge os protestos a favor do impeachment de Fernando Collor, que renunciou ao cargo de Presidente da República em dezembro de 1992, sendo que seu vice Itamar Franco assumiria até o final de 1993. Todavia, o segundo processo eleitoral de eleições diretas em 1994 chegava com propostas mais insinuantes e que abrangia uma gama de setores, atingindo todas as classes sociais, com o objetivo de consolidar um processo de renovação institucional da sociedade brasileira, com base na democracia representativa. A imprensa sempre enaltecendo os grandes homens, enfatizando aquilo que lhe parece mais relevante para o seu meio de influência. No entanto, Kessler (2002. p. 67) completa que:

Em 1994, Lula se candidatou novamente com uma rede mais ampla de aliados. A Frente Brasil Popular pela Cidadania abrangeu PT, PSB, PCdoB, PPS, PV, PCB E PSTU, seguindo as mesmas linhas da campanha anterior: distribuição de renda, elevação de salários, combate ao desemprego, ampliação dos serviços públicos, em saúde e educação.

As transformações acontecem de acordo com as necessidades de cada sociedade, contudo, a ascensão das massas, a revelação de sua capacidade de organização e de construção de uma liderança adequada e própria constitui uma característica perigosa e intimidante aos olhos da classe dominante. E é isso que prepondera o imaginário social, fazendo de Lula um personagem histórico, apartando-o de sua trajetória pessoal e linear, passando a ocupar um novo espaço no imaginário popular, tornando-se um símbolo diante das massas. É interessante que pela primeira vez os trabalhadores se identificam com um partido criado e liderado por um dos seus.

Assim como em 1989, no ano de 1994 também foi marcado pelos discursos da imprensa. A Revista Veja não mudou sua postura ideológica partidária de direta, embasando os seus periódicos com ideias distorcidas da realidade na busca de uma construção discursiva em que a imagem de personagem político como Lula eram inferiorizadas. Diante disso Gaspari (1994. p. 20-21) aborda que:

Lula-94 está sozinho na estrada. Faltam sete meses para a eleição presidencial e ele está na frente, com 30% das preferências, diante de adversários amedrontados e ainda incapazes de produzir candidato com 20% de peso [...] Lula-94, mais moderado, buscando alianças e desfazendo temores. Trata-se de briga apaixonada porém irrelevante.

Com o surgimento da Carta Capital em 1994, período com mais liberdade de imprensa, revista de publicação preponderantemente de esquerda, traz à tona uma visão mais abrangente sobre os acontecimentos e suas implicações, explicitando os acontecimentos com maior clareza, possibilitando uma análise mais aprofundada dos fatos em relação a abordagem adotada pela Veja. Na revista Carta Capital, Carelli (1994, p. 31) aborda de forma clara e sucintas que:

A campanha de Lula à presidência ecoa aquela outra, de 1989, quando o candidato do PT perdeu Jerusalém para o infiel Fernando Collor. A de agora é uma espécie de campanha-cruzada e como tal vinha carregando multidões de pertinentes- os eleitores que, ao optarem por Collor em 89, julgaram ter pecado pelo voto.

A carreira política de Lula se baseia em elementos primordiais na história de vida da maioria dos cidadãos, pois existe uma luta a todo momento pela sobrevivência de seus valores, da sua necessidade de transformação. A sua postura diante da sociedade mais pobre, mais carente tornou-se preponderante para que seus ideais de valores éticos e morais com um carisma incontestável tornassem aceito e seguidos por uma gama de pessoas.

Os discursos de Lula que permeavam todas as regiões do país na candidatura de 94 foi importante para que a classe do operariado e os mais necessitados ouvissem as suas ideias de candidato. Discursos que permeavam o imaginário de uma sociedade repleta de desigualdade social, pobreza, mas que superavam o desejo de dias melhores, rendendo mais adeptos em sua jornada rumo a presidência da república.

O ano de 1994 não ficou marcado só pelas eleições, mas também pelo Plano Real, um programa a longo prazo que serviu para estabilizar a economia, sendo iniciado no governo de Itamar Franco, e posteriormente alcançou a sua totalidade com o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC). O Plano Real foi o programa brasileiro de estabilização econômica que promoveu o fim da inflação elevada no Brasil, situação que já durava aproximadamente trinta anos. Até então, os pacotes econômicos eram marcados por medidas como congelamento de preços, sendo que esse período foi implementado uma nova moeda, o real.

Após ser lançado o plano real, Fernando Henrique Cardoso que era candidato a presidente da república ganhou grande notoriedade frente a mídia e diante da população, ultrapassando Lula nas pesquisas para a eleição de 1994. No entanto, a

consequência dessa repaginada política foi a vitória de FHC ainda no primeiro turno das eleições. Segundo Carvalho (1995. p. 9):

Por tudo isso que, como já sabia a equipe de FHC, o plano real mais do que um programa econômico se constituiu num programa político com marketing suficiente para ganhar as eleições de presidente da república em 1994 em prol de FHC. Dentro desse contexto a mídia teve um papel muito importante, contribuindo para a construção dos discursos que levaram FHC à presidência da República.

A classe do operariado brasileiro não se deu por vencido, pois tinha a consciência de que as pressões que vinham de baixo para cima seriam para transformar elementos da ordem vigente, oferecendo um lastro sólido para a existência e o crescimento de um grande partido de base operária. Diante deste contexto é que Roberto Amaral escreve para Carta Capital (2016):

A classe trabalhadora, mais uma vez vencida, diz-nos a oligarquia dos proprietários, terminará por aprender uma velha lição: não está em suas posses conduzir as próprias rédeas. Volte, pois, para o chão de fábrica [...] Enfim, a reação autoritária pretende ensinar à classe trabalhadora que seu papel é subalterno ao do capital e que ela tem de se conformar em ser caudatária da classe dominante.

A classe trabalhadora encontrou na greve um instrumento de luta, sua força contra a classe dominante brasileira. Dentro dessa representatividade Lula buscava na candidatura de 1998 travar um combate para diminuir a opressão exercida pelos opressores. É importante destacar que a mídia contribuía significativamente para que o distanciamento entre patrão e empregado, entre direita e esquerda, ficasse visivelmente nítido nas estruturas da candidatura, onde Lula era representante dos pobres e FHC dos ricos.

Entretanto, depois das duas experiências eleitorais por voto direto, Lula se candidata pela terceira vez, e por um conjunto de fatores perde novamente no primeiro turno para FHC, que era candidato a reeleição. É interessante ressaltar que as eleições de 1998 demonstram modificações políticas e culturais, mas ainda preserva a disputa pela interpretação da realidade e imposição da imagem, que acontece à sombra dos meios midiáticos.

Para Gomes (2006. p. 13) o desemprego foi o principal tema da campanha dos dois candidatos, mas enquanto Lula responsabilizava a política econômica recessiva e neoliberal do governo do PSDB, FHC afirmava que só quem venceu a inflação, pode derrotar o desemprego - como se a estabilidade monetária do Real

nada tivesse a ver com a queda vertiginosa do crescimento econômico e do PIB. Porém, tanto a postura de superioridade intelectual diante da crise internacional, como a atitude otimista frente ao problema do desemprego, realçou os atributos pessoais de competência de FHC, diante de um Lula ainda revoltado e irresponsável.

Incondicionalmente a intervenção do campo da mídia de grande notoriedade no país se fez novamente a favor das forças dominantes do campo político, ou seja, boa parcela estava com FHC. Em Revista Veja, Expedito Filho e Policarpo Junior (1998. p. 42) nos seus discursos claramente elitista abordavam que:

Para os brasileiros que acompanham essas oscilações com interesse, a questão principal passou a ser esta: Lula tem chances reais de ganhar? O Palácio do Planalto acha que não, mas tem medo. O PT acha que sim, mas tem medo. “As pesquisas mostram que há cada vez mais gente com o sentimento de que esse governo não tem preocupação social e não é tão bem-intencionado como se pensava e isso é ruim para o presidente”, diz o diretor do Vox Populi, Marcos Coimbra. “Mas o Lula a que se referem os eleitores por enquanto é um conceito, é um símbolo, é apenas um nome que se opõe ao governo. O Lula real, com propostas, ainda não existe, e isso é ruim para o PT”.

A mídia brasileira de direita nas suas peculiaridades busca desconstruir a imagem discursiva no que tange a existência de propostas do candidato Lula. Passa para o seu leitor que, dificilmente as políticas de esquerda dariam certo em um país como o Brasil e que o candidato era apenas mais um nome que se opunha a um governo, que conseqüentemente não tem base alguma para governabilidade. Além de o candidato ter o concorrente político possuía também contra si a grande mídia que a todo momento qualificava as posturas de esquerda como inferiores as de direita. No entanto é interessante destacar como a revista Carta Capital aborda esse mesmo período da campanha de 1998.

Há ainda que ressaltar que, as diferenças políticas existentes no processo de construção foram resultantes de conflitos que opunham interesses econômicos, sociais, culturais, entre outros. As relações política de esquerda, sempre seguiram o objetivo de conhecer os problemas sociais dos mais pobres, da classe subalterna. Dando ênfase a esse viés, Fernandes (1998, p. 24) na Carta Capital aborda que:

Lula é símbolo e marco da ascensão de uma classe operaria em direção à ação política e a cidadania. Aos 53 anos Lula dispõe de tempo e espaço para refazer sua trajetória e história. Passam por ele, queiram ou não seus afetos e desafetos, a discussão e a luta política para a construção de uma nova esquerda

A história da política brasileira após o fim da Ditadura Militar sofre profundas transformações, deixando claro a existência de uma dependência eleitoral dos partidos políticos frente à mídia. Notadamente, nas eleições para presidente de 1989, 1994 e 1998 ficou bem visível que os candidatos que tiveram o apoio da grande mídia, com uma imagem bem construída diante da sociedade, com espaços para suas ideias, tiveram uma grande vantagem em relação aos seus opositores. Entretanto Ferreira (2014 p. 52), destaca que:

É fato que estas mudanças no conteúdo da imprensa partidária não refletem apenas este desgaste entre partidos e cidadãos, é uma questão muito mais complexa, pois relaciona-se com inúmeros fatores decorrentes de uma série de transformações na sociedade, na virada do século, que se estende até os dias atuais, como o surgimento de novas clivagens sociais, demandando cada vez mais questões específicas e heterogêneas; as mutações do mundo do trabalho, criando também uma variedade de identidades profissionais; a desconstrução da base homogênea que marcou a classe trabalhadora no século passado e inúmeros outros. Todas estas mudanças sociais, econômicas e culturais acabam se tornando responsáveis por este novo desenho político, exigindo adequações discursivas dos partidos.

Seguindo essa trajetória de perspectiva, os meios de comunicação passam a ser os principais meios de sustentabilidade ou sobrevivência dos partidos políticos. Nesse processo ocorre a dramatização das suas ideias, de seus posicionamentos, podendo influenciar os cidadãos, aumentando assim o distanciamento entre a realidade subalterna com suas necessidades e as ações políticas que favoreçam suas demandas.

É notável que a esquerda brasileira ganhou uma existência mais nítida, no entanto a maior parte dessa notoriedade se deve a um processo de convergência, alterando seus vínculos sociais e suas referências políticas e construindo laços em direção a novas ideias. As articulações da esquerda para as eleições de 2002 mudaram completamente, suas alianças se expandiram e se fortaleceram recebendo adesão de lideranças populares, empresarias intelectuais, sindicais e o que mais impactava era seus discursos audaciosos, pregando um combate ao desemprego, à exclusão e a desigualdade social. As eleições de 2002 segundo Gomes (2006. p. 17) seguiu um caminho bem estratégico:

Aliás, pautados pela necessidade de perceber como a imprensa estaria cobrindo a eleição presidencial de 2002, a assessoria de imprensa do próprio Partido dos Trabalhadores iniciou um trabalho de acompanhamento da cobertura dos principais jornais diários (Folha de

S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil) e revistas semanais (Veja, Isto É, Época e Carta Capital) – cujos resultados estatísticos se encontram no site da campanha de Lula em 2002, juntamente com comentários sobre diversos episódios da campanha.

A participação dos meios de comunicação no ambiente político contribui significativamente para que os eleitores possam entender a situação de cada candidato. Mas, as opiniões abordadas em cada espaço dos jornais e revistas podem ganhar sentidos e interpretações que se atrelam a estratégias para influenciar o pensamento do eleitor na escolha de um partido ou candidato.

Um novo arvorecer estava prestes a brotar, novas ideias, novas políticas, representações, planos ideológicos, 2002 foi o ano em que o primeiro cidadão, “retirante nordestino” trabalhador, de esquerda venceu as eleições para presidente. Um novo tempo estava começando para a democracia, que passaria a construir não só uma forma de governo baseada na vontade da maioria, mas também, na pobreza, na saúde e principalmente na educação.

É importante considerar que Lula teria conseguido demonstrar aos seus eleitores e opositores a sua capacidade de negociação, de liderança e de preparo para o governo. Mas para chegar até a presidência a mídia construiu e desconstruiu uma imagem demonstrando os seus discursos de verdades e mentiras, entretanto com algumas mudanças de postura. A Revista Veja (2002. p.56) aborda que: “se Luiz Inácio Lula da Silva chegar ao Palácio do Planalto, o Brasil terá talvez um dos mais acessíveis presidentes de sua história”.

Vale recordar que Fernandes e Lírio (2002. p. 22-24) discursam claramente na revista Carta Capital sobre a importância de a esquerda ser vitoriosa no segundo turno das eleições:

Não deixa de ser curioso. O líder operário até há pouco tido como um radical, um divisor de águas, tem hoje claramente muito mais condições políticas de se tornar um aglutinador, de voltar a exercitar o papel que viveu no passado, apesar da aura de extremista negociador [...] de um lado, alguém, Lula, que, nestes dias, quando lhe cobram “experiência” e “preparo”, responde de bate-pronto: -que tipo de experiência tinha Nelson Mandela quando saiu da cadeia depois de 27 anos preso?

Lula sempre à frente nas pesquisas venceu José Serra no segundo turno, ali se consolidava uma das maiores vitórias da classe trabalhadora do Brasil. Lima e Oyama (2003. p. 23) retrataram na Revista Veja a vitória do petista de forma simples,

“é histórica a chegada ao poder do ex-operário que, durante o discurso de posse, resumiu em poucas palavras sua extraordinária biografia de retirante nordestino a presidência da república”. Já a Carta Capital, com Fernandes (2003, p. 23-37) aborda:

Crianças, velhos, jovens, mulheres, homens, de Brasília e de caravanas que cruzaram o país, querem chegar perto de Lula [...] apostam na gravidade da situação e nos hábitos criados, de sorte a força Lula a uma moderação muito próxima do continuísmo, permitindo buscar no passado do nosso presidente as razões na confiança do futuro. Não se negue a ele pragmatismo, equilíbrio, ponderação e muito caráter. Como vendedor de amendoim, operário, líder sindical, e como fundador e presidente de um partido”.

É interessante ressaltar como o discurso pode ser apropriado de acordo com os interesses, seja para desqualificar um candidato ou valorizá-lo. O reconhecimento do seu trabalho, a sua postura ética e moral, são pressupostos que contribuíram para que naquele momento a mídia de direita valorizasse a sua luta, a luta da classe operaria.

Portanto, conquistar o apoio da maioria da população com o sentimento de mudança e transformação, é a forma mais segura de enfrentar dificuldades surgidas ao longo do tempo nas arenas de governabilidade. Neste contexto, Lula e seu grupo ergueu o país a 8ª economia do mundo, criou e inovou programas sociais, diminuiu o desemprego e melhorou a distribuição de renda, tornando-a mais igualitária, permitindo a ascensão das classes mais pobres e tirando da miséria milhões de brasileiros.

Diante desses avanços Carvalho (2011, p. 9) aborda que: além do mais, destaca-se ainda, outras realizações significativas durante o governo Lula (2003-2006), como medidas voltadas à expansão da oferta de ensino superior, principalmente o de caráter público. Como também no campo da agricultura, o apoio ao agronegócio e às exportações. Bem como a política de combate à pobreza através dos programas: Fome Zero, Bolsa Família (PBF), e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Em 2005, surgiu o Mensalão, escândalo amplamente divulgado pela mídia por envolver pessoas da base aliada do governo de Lula em casos de corrupção. Mesmo que a corrupção não fosse nenhuma novidade na nossa história, este caso afetou a credibilidade de Lula. A sociedade ao depara-se com os escândalos parecia colocar

a classe política em total descrédito, pois consideravam até então os integrantes do partido como exemplos da ética política no país.

Após escândalos de corrupção, Lula se candidata novamente para presidência tentando a reeleição, dessa vez a mídia está mais expansiva, mais formadora de opinião, moldando com mais precisão os fatos. O então presidente Lula, não conseguiu sua reeleição no primeiro turno, porém acabou derrotando Geraldo Alckimin (PSDB) no segundo turno com ampla maioria de votos. As eleições de 2006 foram marcadas por intensas acusações por parte dos grupos políticos. Segundo Veiga, Souza e Santos (2007 p. 210-211):

“Veja telespectador, [ele] não sabe também. Um milhão setecentos e cinquenta mil dá para um trabalhador que ganha salário mínimo viver 416 anos, é uma fortuna. Não teve nem a curiosidade de perguntar para o seu churrasqueiro, de onde veio o dinheiro? Para o diretor do seu Banco do Brasil, de onde veio o dinheiro? Para o seu assessor especial, para o marido da sua secretaria particular, para o seu secretário de trabalho e de ministério, para o coordenador do seu programa, para o Presidente do seu partido? Olhe nos olhos do povo brasileiro, candidato Lula, e responda: De onde veio o dinheiro? ” (Alckmin, bloco 1, réplica).

“Eu queria dizer ao Governador Alckmin que o conceito mais importante de ética não é alguém dizer: ‘no meu governo não tem corrupção’. É quando ter [corrupção], punir... O Governador poderia dizer outra verdade para a sociedade brasileira. Onde começou a compra de votos espúria neste país? O Governador, por acaso, esqueceu da votação do processo de reeleição de 1996? O Governador por acaso esqueceu que foi ali que começou a podridão e que não se permitiu que tivesse Comissão Parlamentar de Inquérito [CPI] para apurar? Essa é a diferença, é melhor aparecer a corrupção combatendo ela, do que ela não aparecer porque não se combate” (Lula, bloco 1, tréplica).

De 2003 a 2011 Luiz Inácio Lula da Silva governou o Brasil, consolidando-se como um fenômeno político, graças ao seu apelo junto às camadas mais pobres da população. Nesse intervalo de tempo a grande mídia trabalhou duramente para que a classe trabalhadora não chegasse ao poder. No entanto Lula foi capaz de mudar algumas opiniões, talvez temporariamente, capaz de abrir espaços para outras vozes que vem lá de baixo, que buscam uma ideologia concreta de objetivos comuns.

A revista Veja (2010. p.72) deu um até breve ao Lula presidente, desde que se tornou uma figura pública, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu mostra de ser um homem emotivo e afetivo a arroubos de fraquezas, algumas vezes desconcertante, Lula entregara o cargo ao seu sucessor em 1º de janeiro. Para o

Brasil, será o fim de uma era. Para ele, uma mudança pessoal tão brusca quanto a que enfrentou quando subiu pela primeira vez na rampa do palácio, oito anos atrás.

É importante ressaltar, que os meios de comunicação (revistas) não constituem o único meio de participar do processo de construção e representação social, a disseminação de ideias através de outros meios (internet, redes sociais), torna-se cada vez mais importante e abrangente. Consequentemente a importância de se saber a veracidade, de como realmente uma figura pública participa e constrói o seu meio de influência, faz com que grande parcela de cidadãos sigam as ideias de seu representante político, caracterizando-o como um mito para o seu povo.

Ao longo do tempo Lula e o Partido dos Trabalhadores construíram uma história de combate à pobreza, de melhor distribuição de renda, de desigualdade, mas a grande mídia (Revista Veja) enquadrava os assuntos do governo de maneira totalmente negativa se comparada com a imprensa de menor expressão (Revista Carta Capital). Segundo Santos (2011. p.18), “o ex-operário realizou a maior ruptura nos últimos 80 anos de República [...] a popularidade de Lula foi resultado de ações do governo e não de *marketing*.”

É notório que, os discursos se tornaram importante para se distinguir a posição partidária de cada revista. No entanto, pode-se discernir o quanto a classe dominante usufrui dos meios de comunicação para que possam distorcer a verdade para permanecer no poder. Notável que a revista Veja com seus interesses participa dessa parcialidade jornalística e desrespeitosa para conseguir agradar a elite brasileira. Enquanto isso a Carta Capital, um importante e decisivo reproduzidor da indignação da classe operária, molda a realidade com interesses críticos que buscam demonstrar a realidade dos fatos e suas necessidades para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho buscou-se mostrar os discursos da mídia diante da sociedade e sua influência na candidatura de Lula para presidência da república (1989-2010). Tomando como abordagem os periódicos das revistas Carta Capital e Veja, caracterizando as suas posturas político-partidária frente a sociedade brasileira quanto as suas opiniões políticas.

A presente pesquisa teve como objetivo, compreender a cultura política brasileira e sua relação com a imprensa, discutir as relações dos periódicos das revistas e sua influência na sociedade analisando os discursos midiáticos de construção do imaginário político de Lula.

A pesquisa possibilitou entender como se deu o processo de construção do imaginário sócio-político de Lula na luta contra a grande mídia brasileira, apontando os aspectos das suas orientações de esquerda, da sua representação sindical, sua origem nordestina e seu nível de escolaridade e os discursos sobre a sua imagem política.

As observações sobre os a construção da imagem de Lula nas eleições para presidência de 1989 a 2010 demonstram o partidarismo da imprensa brasileira e principalmente como Revista Veja defendia seus interesses elitistas desqualificando politicamente a classe trabalhadora para que esta não chegasse ao poder. Enquanto isso a Revista Carta Capital defendia os interesses populares, dando ênfase aos interesses sociais, a uma classe com pouca voz na política.

Entretanto, os objetivos propostos de certa forma, foram respondidos por meio da análise dos discursos da influência da cultura política herdada pela sociedade brasileira, pelos periódicos das revistas que contribuíram para uma abordagem significativa das formações de opiniões públicas que permeiam todo um imaginário social e a preponderante utilização da personalidade Lula como foco principal da pesquisa. Fatores estes que constituíram para o entendimento da importância dos sindicatos, da classe operaria, do próprio Lula, para que só assim os mais excluídos da sociedade tivessem poder de voz.

Esta dissertação não esgota o tema, mas pretende deixar pistas de como a imprensa se posiciona diante da realidade de uma pessoa que ao longo de sua carreira se construiu como um ícone da política brasileira abrindo as portas para novos discursos. Com base no que foi ressaltado na pesquisa vimos as relações e a

importância da imprensa e principalmente os cuidados que devemos ter, pois esta proporciona relações de sentimentos que podem influenciar significativamente na nossa opinião. Mas sejamos críticos o suficiente para que possamos discernir o verdadeiro do falso e os corruptos dos não corruptos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, P. *Significado político da manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

ALVES, C. *A farsa do sequestro-bomba, o desespero dos coxinhas e mais um golpismo espetaculoso midiático*. Jornal GGN, Luis Nassif Online, e de Luiz Müller do blog Luiz Müller, 2014.

AMARAL, R. Por que destruir o símbolo Lula? *Carta Capital*. ago. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/por-que-destruir-o-simbolo-lula>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

BAQUERO, M.; OLIVEIRA CASTRO, H. C.; GONZÁLEZ STUMPF, R. *A Construção Democrática na América Latina: Estabilidade democrática, processos eleitorais, cidadania e cultura política*. Porto Alegre: UFRGS. 1 ed. 1998.

BOBBIO, N. *A teoria das formas de governo*. Universidade de Brasília, 1980.

BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2001.

CARELLI, W. Teste: monte você mesmo o anti-Lula. *Carta Capital*. São Paulo, n. 1, p. 30-34, ago. 1994.

CARVALHO, S. B. *Primeiro mandato do governo Lula (2003-2006): Uma revisão de Literatura*. VII ENPPEX: II SEMINÁRIO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA FECILCAM. Campo Mourão, 2011.

COLLOR joga pesado na ofensiva. *Revista Veja*, São Paulo, n. 1091, p. 46-55, ago. 1989a.

DINIZ, L.; BRASIL, S.; CABRAL, O. Lula e o futuro do lulismo. *Revista Veja*. São Paulo, n. 2189, p. 72-78, nov. 2010.

EMILIANO, J. *Imprensa e poder – Ligações perigosas: a CPI do PC, do Collor e do Orçamento numa análise inédita*. 2 ed. Salvador: Edufba, 1996.

EMILIANO, J. *Jornalismo de campanha e a Constituição de 1988*. Salvador: EDUFBA, Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.

EXPEDITO FILHO; POLICARPO JUNIOR. Cabeça a cabeça: Lula empata com FHC e esquentando a disputa eleitoral. *Revista Veja*, São Paulo. n. 1550, p. 42-50, jun. 1998.

FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FERNANDES, B. Novas à esquerda: um projeto nacional para incorporar desde o MST até vastas parcelas do empresariado ligadas ao setor produtivo. *Carta Capital*. São Paulo, n. 86, p. 24-29, nov. 1998.

FERNANDES, B.; LIRIO, S. Óleo na máquina: Lula e Serra vão ao segundo turno. Alguns dias antes, o governo edita a MP que socorre os grandes grupos da mídia. *Carta Capital*. São Paulo, n. 210, p.18-26, out. 2002.

FERNANDES, B. Lula do Brasil: a começar pelo ensaio geral, o gibi do momento inédito da história da nação. *Carta Capital*. São Paulo, n. 222, p. 20-33, jan. 2003.

FERNANDES, C. "Patrimonialismo". Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/politica/patrimonialismo.htm>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, N. T. Metamorfose da imprensa partidária: da conscientização política às estratégias afetivas de maximização eleitoral. *Revista eletrônica do programa de pós-graduação em mídia e cotidiano*. Artigo sessão livre nº4. Junho de 2014.

FREI BETTO. O Amigo Lula: Frei Betto narra a transformação do líder sindical do ABC em presidente. *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/politica/o-amigo-lula-frei-betto-narra-transformacao-do-lider-sindical-do-abc-em-presidente-2910790#ixzz4b4AdtOib>>. Acesso em 25 de janeiro de 2017.

GASPARI, E. Luís Inácio Sinatra Lula da Silva. *Revista Veja*. São Paulo, n. 1329, p. 20-27, mar. 1994.

GOMES. M. B. *A imagem pública de Lula e eleições presidenciais brasileiras (1989/2002)*. Salvador 2006.

GOMES, M. *Encanto e cautela com o PT*. 2017. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/dez/mercio_gomes_10.htm>. Acesso em 03 de fevereiro de 2017.

HAYEK, F.A. *The constitution of liberty*. Chicago. Chicago University Press, 1960.

HOLANDA, S. B., *Raízes do Brasil*. 18 ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

KESSLER, V. J. T. *Lula na revista Veja: uma comparação entre 2002 e 2010*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

KUSCHNIR, K.; CARNEIRO, L.P. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 24, p. 227-250, 1999.

LIMA, J. G.; OYAMA, T. A rota de Lula para o poder. *Revista Veja*. São Paulo, n. 1772, p. 56-62, out. 2002.

MARTINS, A.L. *Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras*. São Paulo, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MÍDIA Kit. *Carta Capital*. Ed. Confiança: São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital/MIDIAKITCARTACAPITAL2015.pdf>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2017.

MOLINA, H. *História do sindicalismo*. Disponível em: <<http://www.sintetufu.org/história-do-sindicalismo/>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

OLIVEIRA, F. M. *Cultura Política e Construção de Identidades Coletivas de Sujeitos Sociais*. UFPE: Recife, 2007.

PUDDEPHATT, A. *A importância da autorregulação da mídia para a defesa da liberdade de expressão*. UNESCO, 2011.

RÉMOND, R. *Por uma história política*. 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIOUX, J.; SIRINELLI, J. F. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROSSATO, A. *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

ROUSSEAU, J. J. *Do Contrato Social*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 151.

SANTOS, J. *Construção de opinião no texto informativo: adjetivos, advérbios e figuras de linguagem como estratégias discursivas em Veja, Época, IstoÉ e Carta Capital*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SANTOS, W. G. Lula e sua herança: no poder o ex-operário realizou a maior ruptura nos últimos 80 anos da República. *Carta Capital*. São Paulo, n.629, p. 18-25, jan. 2011.

SUASSUNA, A. A esquerda e a direita segundo Ariano Suassuna: depoimento [24 de julho, 2014]. *Carta Maior*. Reproduzido da página do MST. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-esquerda-e-a-direita-segundo-Ariano-Suassuna/4/31455>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2017.

SURPRESA armada. *Revista Veja*, São Paulo, n. 1111, p. 71-72, dez. 1989c.

UM dia para a História. *Revista Veja*, São Paulo, n. 1784, p. 22-31, jan. 2003.

UM operário vai à luta na sucessão. *Revista Veja*, São Paulo, n. 1095, p. 34-43, set. 1989b.

VEIGA, L. F.; SOUZA, N.; SANTOS, S. *Debate presidencial: as estratégias de Lula e Alckmin na TV Bandeirantes*, 2007.

ZOCCOLI, M. *Lula 70 anos: Relembra a trajetória*. 2015. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/lula-70-anos-relembra-a-trajetoria/>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2017.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Hingó José Pereira Lobato Fe,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Cultura política e representações discursivas: os usos da ima-
gem política e social do ex-presidente da República Luiz
Inácio Lula da Silva pelos periódicos (1989-2010)
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de Abril de 2017.

Hingó José Pereira Lobato Fe
 Assinatura